



**FACULDADE ANÍSIO TEIXEIRA
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**CACIA MARCELA DE OLIVEIRA MIRANDA
ROSIMEIRE OLIVEIRA SANTIAGO**

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS PESSOAS COM INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS ATENDIDAS EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA DO
INTERIOR DA BAHIA**

**FEIRA DE SANTANA - BA
2021**

**CACIA MARCELA DE OLIVEIRA MIRANDA
ROSIMEIRE OLIVEIRA SANTIAGO**

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS PESSOAS COM INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS ATENDIDAS EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA DO
INTERIOR DA BAHIA**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Enfermagem da Faculdade Anísio Teixeira, solicitado pela Professora Ma. Caroline Santos Silva, como registro parcial obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Me. Valterney de Oliveira Morais

**FEIRA DE SANTANA - BA
2021**

CACIA MARCELA DE OLIVEIRA MIRANDA
ROSIMEIRE OLIVEIRA SANTIAGO

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Valterney de Oliveira Morais
Faculdade Anísio Teixeira
Orientador

Prof^a. Me. Caroline Santos Silva
Faculdade Anísio Teixeira
Professora de TCC 2

Prof. Patrícia Freire Barreto
Faculdade Anísio Teixeira
CONVIDADO

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS PESSOAS COM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ATENDIDAS EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA DO INTERIOR DA BAHIA

Cacia Marcela de Oliveira Miranda¹
Rosimeire Oliveira Santiago¹
Valterney de Oliveira Morais²

¹Graduandas em Enfermagem pela Faculdade Anísio Teixeira (FAT).

²Graduado em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Pós-graduado em Saúde Pública pela (UEFS), Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com área de concentração: Enfermagem na Atenção à Saúde da Mulher, Doutorando em Saúde Coletiva (UEFS).

RESUMO

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são transmitidas pela relação sexual oral, vaginal ou anal desprotegida causada por vírus, bactérias, protozoários ou fungos. É um problema de saúde pública no Brasil, que quando há manifestação de sinais e sintomas, passam a ser consideradas como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). **Objetivo:** Analisar as estatísticas da tendência temporal das pessoas diagnosticadas com infecções sexualmente transmissíveis no Brasil, durante o período de 2010 a 2020. **Metódos:** A metodologia utilizada nesse artigo foi uma revisão bibliográfica de um estudo epidemiológico com base nos dados do Ministério da Saúde. Foi realizada a análise descritiva dos números de casos da sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita no Brasil e suas regiões, por ano estudado. **Resultados:** Em 2010 a 2020, houve 3.402 óbitos por Sífilis no Brasil. Sendo que no ano de 2014, o maior número registrado foram 609 óbitos (19,70%). **Conclusão:** Diante do crescimento dos casos de sífilis no Brasil, percebeu-se a necessidade de intervenção para prevenção às IST entre os indivíduos.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis; Sífilis; Sífilis Adquirida; Gestantes; Congênita; Óbitos.

ABSTRACT

Introduction: Sexually Transmitted Infections (STIs) are transmitted by unprotected oral, vaginal or anal intercourse caused by viruses, bacteria, protozoa or fungi. It is a public health problem in Brazil, which when there are signs and symptoms, are considered as Sexually Transmitted Diseases (STD). **Objective:** To analyze the

temporal trend statistics of people diagnosed with sexually transmitted infections in Brazil, during the period from 2010 to 2020. **Methods:** The methodology used in this article was a literature review of an epidemiological study based on data from the Ministry of Health. A descriptive analysis of the numbers of cases of acquired syphilis, syphilis in pregnant women and congenital syphilis in Brazil and its regions was performed, by year studied. **Results:** In 2010 to 2020, there were 3,402 deaths from Syphilis in Brazil. In 2014, the highest number recorded were 609 deaths (19.70%). **Conclusion:** Given the growth of syphilis cases in Brazil, the need for intervention to prevent STIs among individuals was perceived. **Conclusion:** Given the growth of syphilis cases in Brazil, the need for intervention to prevent STIs among individuals was perceived.

Keywords: Sexually Transmitted Infections; Syphilis; Acquired Syphilis; Pregnant women; Congenital; Deaths.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são transmitidas pela relação sexual oral, vaginal ou anal desprotegida causada por vírus, bactérias, protozoários ou fungos. Quando há manifestação de sinais e sintomas, passam a ser consideradas como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) (BRASIL, 2020).

A falta do uso do preservativo é o principal meio de disseminação, porém existe também a possibilidade da transmissão durante a gestação ou parto da mãe para a criança conhecida como transmissão vertical. O que evidencia a importância dos acompanhamentos ao longo da gestação, pois ajuda na identificação e no cuidado com a prevenção e controle ao que tange às IST (WHO, 2016).

Tal evento é responsável pelas doenças mais comuns em todo o mundo por conta do descaso e a falta de atenção, e quando é realizado o diagnóstico já transformou-se em patologias. Sendo assim, essas complicações podem comprometer a qualidade de vida e deixar sequelas irreversíveis. Atualmente, houve um aumento da taxa de incidência dessas afecções entre adolescentes, adultos jovens e idosos (NADAL, S; NADAL, C, 2019).

No Brasil, as IST são registradas como um problema de saúde pública que afeta grande parte dos jovens e adultos, e pode ser evitada através do sexo seguro com utilização de preservativos e a educação sexual (PINTO, V. M. et al., 2018).

De acordo com os dados epidemiológicos, as IST têm sido recorrentes na vida da população baiana, interferindo na saúde de muitas pessoas que as vezes não tem o conhecimento a cerca de tais fatores e que não são realizados os tratamentos necessários por não dispor de informações suficientes. Isso proporcionou um espaço para o aumento de fatores de risco que tendem a comprometer a saúde, o bem estar físico e mental (BRASIL, 2008).

Isso motivou a realização de uma pesquisa acerca do perfil epidemiológico das pessoas com IST que foram atendidas em um serviço referência no interior da Bahia, que partiu da problemática de que apesar dos avanços no diagnóstico e tratamento do atual cenário, a população ainda encontrou-se em situação de exposição e vulnerabilidade. Portanto, espera-se que este estudo contribua para o conhecimento sobre aquelas pessoas que são atendidas em serviços de referência

no Brasil, proporcionando assim, reflexões sobre a criação de políticas públicas específicas e direcionadas para essa população por parte dos gestores.

MATERIAIS E MÉTODO

Abordou-se um estudo quantitativo, documental e descritivo.

O estudo foi realizado em Feira de Santana, no interior do estado da Bahia, situada na Região Nordeste. Possui uma área territorial de 1.304,425 km², onde atualmente apresentou uma população estimada de 624.107 habitantes (IBGE, 2021). Foi realizado no Centro de Saúde Especializado Dr. Leoni Coelho Leda (CSE), especificadamente no Centro de Referência Municipal (CRM) DST/HIV/AIDS, localizado na Rua Prof. Geminiano Costa, s/n – Centro. No CRM, o lócus da pesquisa será a sala da coordenação geral do Centro. Foram os dados das pessoas diagnosticadas com IST cadastradas nos anos de 2010 à 2020 contidos nos relatórios anuais do CRM. Esse tem um cunho científico que teve como fonte a utilização de documentos (livros, artigos, teses e dissertações) que auxiliaram na temática.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2021, de acordo com os relatórios anuais do CRM, especificadamente, na parte da Unidade de IST. Analisou-se utilizando o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (SPSS). Destacando as frequências absolutas, relativas, medidas de tendência central e medidas de dispersão.

RESULTADOS

A sífilis é uma doença infecciosa causada pelo *Treponema pallidum*, transmitida por via sexual, transfusões sanguíneas, contato com material contaminado e vertical durante o parto, se não tratada de maneira correta pode evoluir cronicamente. (BRASIL,2020)

Segundo os dados do Boletim Epidemiológico da Sífilis do Ministério da Saúde, foram muitos casos notificados durante 2010 a 2020, demonstrando assim, que medidas de prevenção eficazes necessitam ser adotadas para o país. Ao analisar os dados comparativos dos anos, percebeu-se que em 2018 houve um grande aumento nas estatísticas da sífilis adquirida e foram 158.051 casos notificados pelo Sinan como foi demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 – Resumo dos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita em menores de um ano segundo região e Unidade da Federação, Brasil.

Brasil/ Ano	Nascidos vivos		Sífilis adquirida			Sífilis em gestantes			Sífilis congênita			Óbitos por sífilis congênita		
	n°	%	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa
2010	2.861.868 100		1.249	100	0,8	10.626	100	3,7	6.964	100	5,8	277	100	4,0
2011	2.913.160 100		14.445	100	5,0	33.365	100	11,2	9.518	100	6,5	375	100	3,9
2012	2.905.789 100		27.699	100	17,9	17.334	100	6,0	11.675	100	9,5	456	100	3,9
2013	1.390.427 100		38.951	100	25,2	21.767	100	7,5	14.005	100	7,5	473	100	3,4
2014	2.979.259 100		49.63	100	32,2	27.595	100	9,3	16.205	100	16,5	609	100	3,8
2015	2.979.259 100		65.878	100	42,7	33.365	100	11,2	19.228	100	6,5	221	100	7,4
2016	3.017.668	100	87.593	100	42,5	37.436	100	12,4	20.474	100	6,8	185	100	6,1
2017	2.857.800	100	119.800	100	58,1	49.013	100	17,2	24.666	100	8,6	206	100	7,2
2018	2.923.535	100	158.051	100	75,8	62.599	100	21,4	26.219	100	9,0	241	100	8,2
2019	2.944.932	100	152.915	100	72,8	61.127	100	20,8	24.130	100	8,2	173	100	5,9
2020	2.849.146	100	115.371	100	54,5	61.441	100	21,6	22.065	100	7,7	186	100	6,5

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN

Tabela 2 – Exemplifica dados referentes aos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita em menores de um ano segundo região e Unidade da Federação, Região Norte. Dados estes referentes aos anos de 2010 até 2020, demonstrando as variantes a cerca dos casos de sífilis e suas categorias,

evidenciando aumentos nos casos de acordo com o comparativo entre os anos. Onde demonstra os crescentes casos de sífilis na Região Norte, em que os dados podem ser comparados a outras regiões.

Tabela 2 – Resumo dos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita na região Norte.

Região Norte/ Ano	Nascidos vivos		Sífilis adquirida			Sífilis em gestantes			Sífilis congênita			Óbitos por sífilis congênita		
	n°	%	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa
2010	306.422	7,0	156	0,8	1,0	1.289	2,5	4,2	638	0,5	2,1	10	0,3	3,3
2011	313.745	7,5	520	1,2	3,2	1.513	2,8	4,8	806	1,2	2,6	12	0,4	3,8
2012	308.375	7,2	873	1,8	5,3	1.499	3,0	4,9	892	1,8	2,9	13	0,5	4,2
2013	313.272	8,7	1.488	2,0	8,7	1.953	3,5	6,2	108	2,4	3,4	21	0,6	6,7
2014	321.682	10,8	1.751	2,5	10,1	2.478	4,0	7,7	1.229	3,0	3,8	30	4,5	10,1
2015	320.924	10,2	2.211	3,0	12,6	3.270	5,2	10,2	1.423	4,0	4,4	33	5,0	10,3
2016	321.682	10,8	2.098	3,2	17,5	3.518	10,5	10,9	1.415	7,4	4,4	30	13,6	9,3
2017	307.526	10,8	5.890	4,9	33,2	4.675	9,5	15,2	2.170	8,8	7,1	23	11,2	7,5
2018	312.682	10,7	9.890	6,3	54,4	5.675	9,1	18,1	2.213	8,4	7,1	27	11,2	8,6
2019	319.228	10,8	10.621	6,9	57,6	6.026	9,9	18,9	2.230	9,2	7,0	18	10,4	5,6
2020	313.696	11,0	8.239	7,1	44,1	6.098	9,9	19,4	1.810	8,2	5,8	32	17,2	10,2

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN

Tabela 3 – Resumo dos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita da Região Nordeste. Exemplificados em anos (2010-2020), evidenciando possíveis instabilidades nos casos em comparação de um ano para outro. Demonstrando poucos casos quando se comparado a demais regiões.

Região Nordeste/ Ano	Nascidos vivos		Sífilis adquirida			Sífilis em gestantes			Sífilis congênita			Óbitos por sífilis congênita		
	n°	%	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa
2010	841.160	29,1	99	26,0	0,2	2.592	18,7	3,1	3.774	18,0	3,5	28	0,1	3,3
2011	851.090	28,2	3.427	5,0	12,2	6.240	18,7	7,5	7.365	10,1	8,0	37	1,0	4,3
2012	832.631	10,9	2.466	5,6	15,2	3.865	3,7	4,6	4.287	6,2	5,0	178	10,0	5,2
2013	821.458	21,2	3.316	2,6	7,9	4.542	3,9	5,5	4.417	4,0	5,6	38	2,3	5,0
2014	832.098	26,1	4.211	3,0	10,1	5.467	6,7	6,6	4.944	10,0	48,9	84	8,4	2,8
2015	833.090	28,2	6.332	9,6	15,2	6.240	18,7	7,5	5.772	30,1	6,9	54	24,4	6,5
2016	846.374	27,8	10.178	11,6	17,9	6.571	17,6	7,8	5.919	28,9	7,1	65	35,1	7,7
2017	796.119	27,9	15.295	12,8	26,9	9.084	18,5	11,4	6.876	27,9	8,6	52	25,2	6,5
2018	817.311	28,1	26.644	16,9	46,9	14.705	23,5	18	7.877	30	9,6	77	32,0	9,4
2019	836.850	28,4	24.163	15,8	42,3	13.026	21,3	15,6	6.352	26,3	7,6	46	26,6	5,5
2020	805.275	28,3	15.601	13,5	27,2	12.589	20,5	15,6	6.220	28,2	7,7	43	23,1	5,3

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN

Tabela 4 – Resumo dos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita da Região Centro-Oeste. Dados estes que, em comparação a região Nordeste, demonstraram redução dos casos de sífilis ao longo desses 10 anos.

Região Centro-Oeste/ Ano	Nascidos vivos		Sífilis adquirida			Sífilis em gestantes			Sífilis congênita			Óbitos por sífilis congênita		
	n°	%	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa
2010	220.788	6,1	518	2,8	3,7	1.174	5,0	5,3	341	1,0	1,5	4	0,5	1,8
2011	226.577	6,0	870	3,2	6,1	1.234	5,0	5,4	395	1,0	1,7	4	0,5	1,8
2012	230.279	5,8	1.235	3,7	8,6	1.404	6,0	6,1	541	2,0	2,3	4	0,6	1,7
2013	234.687	6,2	1.764	4,0	11,8	1.913	8,0	8,2	761	3,0	3,2	5	0,8	2,1
2014	247.609	6,5	2.116	4,5	13,9	2.272	9,0	9,3	940	3,0	3,8	13	2,0	5,3
2015	245.076	8,2	3.350	5,1	29,4	2.643	7,9	10,8	1.113	5,8	4,5	9	4,1	3,7
2016	247.609	8,1	5.344	6,1	34,1	2.816	7,5	11,4	1.188	5,8	4,8	11	5,9	4,4
2017	234.866	8,2	7.701	6,4	49,2	3.920	8,0	16,7	1.402	5,7	6,0	13	6,3	5,5
2018	244.106	8,3	12.855	8,1	79,9	4.953	7,9	20,3	1.469	5,6	6,0	15	6,2	6,1
2019	245.991	8,4	12.286	8,0	75,4	5.107	8,4	20,8	1.481	6,1	6,0	12	6,9	4,9
2020	241.081	8,5	9.744	8,4	59,0	5.181	8,4	21,5	1.236	5,6	5,1	15	8,1	6,2

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN

Tabela 5 – Resumo dos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita em menores de um ano segundo região e Unidade da Federação, Região Sudeste.

Região Sudeste/ Ano	Nascidos vivos		Sífilis adquirida			Sífilis em gestantes			Sífilis congênita			Óbitos por sífilis congênita		
	n°	%	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa
2010	1.123.593	38,0	2.579	1,2	3,2	4.218	3,0	3,8	2.995	2,0	2,7	42	0,7	3,7
2011	1.143.441	38,1	13.282		2,0	6.364	5,0	5,6	4.135	3,0	3,6	45	0,8	3,9
2012	1.152.846	39,4	19.461		2,5	7.996	6,0	6,7	5.258	4,0	4,6	73	4,0	6,3
2013	1.147.627	37,0	26.723		3,0	10.039	8,0	8,7	6.066	5,0	5,3	64	0,9	5,5
2014	1.182.949	39,0	32.342	3,5	38,3	12.873	10	10,9	7.158	6,0	6,1	61	0,6	5,3
2015	1.182.949	39,7	37.056	56,2	55,7	14.959	44,8	12,6	8.183	42,6	6,9	102	46,2	8,6
2016	1.196.232	39,6	46.898	53,5	54,3	17.551	46,9	14,7	8.495	41,5	7,1	73	39,5	6,1
2017	1.127.499	39,5	61.745	51,5	71,5	23.470	47,9	20,8	10.645	43,2	9,4	103	50,0	9,1
2018	1.151.832	39,4	71.842	45,5	81,9	28.103	44,9	24,4	11.134	42,5	9,7	101	41,9	8,8
2019	1.147.006	38,9	70.291	46,0	79,5	27.585	45,1	24,0	10.766	44,6	9,4	79	45,7	6,4
2020	1.102.997	38,7	54.586	47,3	61,3	28.578	46,5	25,9	9.828	44,5	8,9	80	43,0	7,3

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN

Tabela 6 – Resumo dos casos de sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita em menores de um ano segundo região e Unidade da Federação, Região Sul.

Região Sul/ Ano	Nascidos vivos		Sífilis adquirida			Sífilis em gestantes			Sífilis congênita			Óbitos por sífilis congênita		
	n°	%	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa	n°	%	taxa
2010	369.905	13,1	108	15,5	0,5	1.009	2,5	2,7	659	9,0	1,8	6	0,3	1,6
2011	378.093	13,4	1.547	25,0	6,9	1.438	3,0	3,8	922	10,1	2,4	13	0,6	3,4
2012	381.658	13,3	3.942	45,0	14,4	1.944	5,0	5,1	1.165	11,2	3,1	15	0,8	3,9
2013	386.983	13,2	6.105	46,1	21,4	2.746	7,0	7,1	1.576	12,3	4,1	18	0,9	4,7
2014	391.462	13,1	10.286	22,1	35,4	3.845	9,0	9,7	1.909	13,2	4,8	21	10,1	5,3
2015	396.462	13,3	17.042	25,9	75,3	6.005	18,0	15,1	2.745	14,3	6,9	26	11,8	6,6
2016	406.529	13,5	21.204	24,2	72,0	6.608	17,7	16,3	3.148	15,4	7,7	19	10,3	4,7
2017	391.790	13,7	29.169	24,3	99,1	7.864	16,0	20,1	3.573	14,5	9,1	15	7,3	3,8
2018	397.604	13,6	36.808	23,3	123,7	9.153	14,6	23,0	3.524	13,4	8,9	21	8,7	5,3
2019	395.857	13,4	35.554	23,3	118,6	9.383	15,4	23,7	3.301	13,7	8,3	18	10,4	4,5
2020	386.097	13,6	27.201	23,6	90,1	8.995	14,6	23,3	2.971	13,5	7,7	16	8,6	4,1

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN

DISCUSSÃO

A prevalência de casos de sífilis, sendo elas adquiridas, em gestantes, sífilis congênitas e óbitos na Unidade Federativa do Brasil e nas suas regiões demonstraram números que em decorrências nos anos de 2010 até o ano de 2020, foi evidenciado os crescentes casos, frente as suas especificidades e que resultam em uma taxa de óbitos por sífilis congênitas que no ano de 2010 apresenta uma taxa de 4,0 e ao longo dos dez anos estes números tem como variações numéricas que atingem 7,4 em 2015. Em 2018 alcança 8,2 e em 2020 tem uma baixa e fica em 6,5. Já em observações nas regiões do Brasil, iniciando com a região Norte. Demonstra os dados de sífilis adquirida, com a taxa de 1,0 no ano de 2010 e ao logo dos anos vai tendo uma crescente. Atingindo 8,7 em 2013, 10,1 em 2014 e foi dando saltos nos números frente a valores que atingem 57,6. Onde os casos de sífilis em gestantes, no ano de 2010 atinge a taxa de 4,2 e que em 2013 chega a taxa de 6,2. Em 2014 a taxa de 7,7. 2015 vai para 10,2 e em 2017 cresce para 15, 2 e encerra 2020 com 19,4.

Com relação a sífilis congênita em 2010 apresenta taxa de 2,1 e vai tendo crescimentos que chegam a 7,1 em 2017 e no ano de 2020 apresenta uma baixa nas taxas que em 2020 fica em 5,8. Onde da espaços para os números de óbitos, que em 2010 tem taxa de 3,3. Ultrapassando 6,7 em 2013 e atingindo taxa de 10,3 em 2014 e 2015. Apresentando quedas em 2016 com taxa de 9,3. 2017 taxa de 7,5. 2018 com taxa de 8,6 e fecha 2020 com taxa de 10,2.

A região Nordeste em comparação as demais regiões apresentam valores maiores ao que tange os casos de sífilis adquiridas que em 2010 tem a taxa de 0,2. Porém em 2011 atinge 12,2. 2012 a taxa é de 15,2. Apresentando uma queda em 2013, que tem a taxa de 7,9. 2014 10,1. Tendo aumentos em 2017 com taxa de 26,9. Crescendo em 2018 para 46,9. Onde tem uma queda em 2019 com taxa de 42,3 e 2020 fecha queda apresentando taxa de 27,2. Já as taxas de sífilis em gestantes na região nordeste, inicia em 2010 com taxas de 3,1. Tendo crescimento em 2011 com taxa de 7,5. Apresenta queda em 2012 com taxa de 4,6 e em 2015 apresenta um crescimento na taxa que é de 7,5. No ano de 2017 ocorre aumentos nas taxas que vão: 11,4 em 2018 taxa de 18. Tendo quedas em 2019 e 2020 com taxa de 15,6.

Os casos de sífilis congênitas em 2010 têm como taxa de 3,5. Aumentando para 8,0 em 2011. Onde as taxas sofrem uma queda em 2012 (5,0) e 2013 (5,6). Já em 2014 apresenta taxa de 48,9. Porém, 2015 apresenta baixa nas taxas sendo 6,9. No ano de 2016 a taxa é de 7,0. A taxa de 2017 (8,6), já o ano de 2018 a taxa é de 9,6 e fecha os anos de 2019 e 2020 com 7,6. Onde os casos de óbitos por sífilis congênitas, no ano de 2010 a taxa é de 3,3. Vai crescendo em 2011 com taxa de 4,3. 2012 a taxa é de 5,2 e no ano de 2014 tem uma baixa de taxa 2,8. Onde 2015 tem uma crescente com taxa de 6,5. Atingindo 7,7 em 2016. 9,4 em 2018 e ocorre uma baixa nos anos de 2019 e 2020 com média na taxa de 5,3.

A região centro-oeste, em comparação a região Nordeste, demonstra que ao longo dos 10 anos de análise evidencia números menores nos casos de sífilis. Onde os casos de sífilis adquirida, no ano de 2010 apresenta taxa de 3,7. 2011 apresenta taxa de 6,1. A taxa em 2012 é de 8,6. Já 2013 tem como taxa 11,8. A taxa de 2014 é de 13,9. Em 2015 apresenta taxa de 29,4. O ano de 2016 a taxa tem um acréscimo e a taxa é de 34,1. Dando espaços para aumentos nas taxas que 2017 a taxa de (49,2), 2018 taxa de (79,9), 2019 (75,4) e 2020 a taxa de 59,0 mostrando a baixa nas taxas. Na região centro-oeste apresenta como taxa nos casos de sífilis em gestantes, no ano de 2010 taxa de 5,3 e vai tendo crescimento em 2012 com taxa de 6,1 e vai atingindo 8,2 de taxa em 2013. Vai aumentando para 9,3 em 2014. 10,8 em 2015, 11,4 em 2026 taxa de 16,7 e 2018 eleva as taxas para 20,3, fechando 2020 com taxa de 21,5. Portanto, os casos de sífilis congênitas, em 2010 apresenta taxa de 1,5. Tendo crescente em 2012 de 2,3. Perpassando para média de 3,8 e atingindo a taxa de 6,0 no ano de 2017 e tendo uma baixa em 5,1 no ano de 2020. Estes dados se expressão nos casos de óbitos que nos anos de 2010 até 2012, mantendo a taxa de 1,8 oscilando em 1,7. Onde ocorre saltos nas taxas de 2013 que é de 2,1 e sobe para 5,3 em 2014. Tendo queda para taxa de 4,1 em 2015. Voltando a crescer em 2018 com taxa de 6,1, ocorre queda em 2019 e volta a subir em 2020.

Na região sudeste, observa-se maior número de óbitos por sífilis congênita em 2017 evidencia um reflexo de alguma redução das políticas públicas de informação sobre a profilaxia e prevenção das IST, já que a sífilis é uma infecção que pode ser evitada.

Na região sul, em 2014 foram registrados 10.286 casos de Sífilis Adquirida nessa população. Constatando assim, que a informação precoce da importância de

métodos de proteção e tratamentos, através de intervenções preventivas. Portanto, são fatores determinantes para a redução dos casos de Sífilis no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dos estudos sobre a temática voltadas as infecções sexualmente transmissíveis. Possibilitou reflexões que contribuem de maneira significativa na formação do profissional de enfermagem. Em que a temática faz parte dos campos de atuação e inserção do profissional de enfermagem. Onde na sua atuação deve dispor de mecanismos que sejam capazes de contribuir nas linhas de cuidado, favorecendo medidas essenciais para a saúde dos pacientes que dispõe das infecções.

Vale ressaltar que o papel do profissional de enfermagem, juntamente com a sua equipe de trabalho deve organizar atividades que contribuam com a prevenção e promoção da saúde de toda a população. Para que assim possa contribuir com os baixos índices e taxas de pessoas infectadas pelas doenças sexualmente transmissíveis. Sendo que os dados pesquisados no trabalho demonstram o quanto as taxas são altas ao longo dos anos. Cabe um olhar reflexível para desenvolver de ações que contribuam com a conscientização. Onde atividades pedagógicas são de extrema importância e potencializam o cuidado essencial a um risco com a saúde pública.

Desta forma, é necessário políticas publicas que olhem para estes dados e providencias sejam tomadas para que as taxas sejam sanadas. Contribuindo com a resolução de um fator de risco para com a saúde da população.

REFERÊNCIAS

BRAZ, J. H. **Aspectos epidemiológicos e clínicos dos pacientes atendidos em um serviço de referência em IST.** Rev., Curitiba, v. 3, n. 4, p.9579-9596 jul./aug. 2020. ISSN 2595-6825.

GIL, A. C. **Como elaborar Projeto de Pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

MUSS, F. C. **Conforto e lógica hospitalar: análise a partir da evolução histórica do conceito conforto na enfermagem.** Bahia, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ape/v18n1/a10v18n1.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2020

NADAL, S. R; NADAL, C. M. R. **Infecções Sexualmente Transmissíveis em Proctologia.** São Paulo, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/dilivroseditora/docs/infec__es_sexualmente_transmiss_veis_em_proctologi>. Acesso em: 11 dez. 2020

NERY et tal. **Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência.** Rio de Janeiro, v.5, p. 64-78, abr. 2015. Disponível em: <<http://residenciapediatrica.com.br/detalhes/170/infecoes-sexualmente-transmissiveis-na-adolescencia#>>>. Acesso em: 12 dez. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis**, do Brazilian Journal of health Review Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 4, p.9579-9596 jul./aug. 2020. ISSN 2595-6825 9593 HIV/Aids e das Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite B e Coinfecções. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

PINTO et al. **Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo.** Rio de Janeiro, vol 23, jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000702423>. Acesso em: 10 dez. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2008.